

Artigos Originais

Uma análise do projeto de educação nos documentos do MST (1990-2014): a cultura corporal em debate¹

An analysis of the education project in the MST documents (1990-2014): corporal culture in debate

Un análisis del proyecto educativo en los documentos del MST (1990-2014): cultura corporal en debate



Caroline Arnaldo Ortiz

Secretaria de Educação Municipal de Campo Grande, Campo Grande, MS, Brasil.

e-mail: carolarnaldo@gmail.com



Eduardo Reis Pieretti

Instituto Federal de Mato Grosso do Sul, Nova Andradina, MS, Brasil.

e-mail: eduardopieretti@gmail.com



André Malina

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

e-mail: andremalina@yahoo.com.br



Jennifer Aline Zanela

Colégio de Aplicação João XXIII, Juiz de Fora, MG, Brasil.

e-mail: jezanela@gmail.com



Leon Ramyssés Vieira Dias

Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal de Araruama, Araruama, RJ, Brasil.

e-mail: leondias@ufrj.br



Ângela Celeste Barreto de Azevedo

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

e-mail: angelaestagio@yahoo.com.br

¹ O artigo é fruto da dissertação de mestrado de Caroline Arnaldo Ortiz, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Tecnologia para o Desenvolvimento Social (PPGTDS), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), intitulada: "O PROJETO DE FORMAÇÃO EDUCACIONAL DO MST E A QUESTÃO DA CULTURA CORPORAL" (2018). O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

Resumo: No presente estudo, referenciamos o debate sobre Educação e Movimentos Sociais, através das contribuições do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Desse modo, buscamos apresentar mediações entre o Projeto de Educação do MST e a Cultura Corporal, a partir do seguinte problema: *Se e como* a Cultura Corporal está retratada no projeto de Educação do MST? O objetivo é caracterizar a concepção de Cultura Corporal com base nos textos/documentos sobre Educação sistematizados pelo MST. Para subsidiar a análise, trazemos as contribuições teóricas de Antonio Gramsci, sobre cultura, princípio educativo, escola unitária e o conceito de intelectual, bem como o Coletivo de Autores sobre a perspectiva de Cultura Corporal.

Palavras-chave: Cultura Corporal; Projeto de Educação; MST.

Abstract: In the present study, we aim to the debate on Education and Social Movements, through the contributions of the Landless Rural Workers Movement (MST). In this way, we seek to present mediations between the MST Education Project and Corporal Culture, based on the following problem: How and how is Corporal Culture portrayed in the MST education project? The objectives are to characterize the concept of Corporal Culture from the texts/documents on education systematized by the MST. To support the analysis, we bring the theoretical contributions of Antonio Gramsci, on culture, educational principle, unitary school and the concept of intellectual, as well as the Coletivo de Autores on the perspective of Corporal Culture.

Keywords: Corporal Culture; Education Project; MST.

Resumen: En este estudio nos referimos al debate sobre Educación y Movimientos Sociales, a través de los aportes del Movimiento de Trabajadores Rurales Sin Tierra (MST). Así, buscamos presentar mediaciones entre el Proyecto Educativo MST y la Cultura Corporal, partiendo del siguiente problema: ¿Si y cómo se retrata la Cultura Corporal en el proyecto educativo MST? El objetivo es caracterizar

el concepto de Cultura Corporal a partir de los textos/documentos sobre educación sistematizados por el MST. Para sustentar el análisis, traemos los aportes teóricos de Antonio Gramsci, sobre cultura, principio educativo, escuela unitaria y el concepto de intelectual, así como el Coletivo de Autores en la perspectiva de la Cultura Corporal.

Palabras clave: Cultura corporal; Proyecto educativo; MST.

Submetido em: 2022-07-07

Aceito em: 2023-05-18

Introdução e elementos teórico-metodológicos

Ao realizar buscas de textos acadêmico-científicos que visassem compreender e analisar o projeto de Educação relacionado à concepção de Cultura Corporal concebida pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), foram identificados e destacados os de D'Agostini (2009); Souza, (2006); Guhur (2010); Bauer (2016); Bezerra Neto (2005); Machado (2003); Garcia (2009); Dalmagro (2010); Garske (2006) e Saveli (1999). Nesse contexto, realçamos enquanto particularidade o debate a partir de dentro da Educação Física, que pode ser compreendida em uma gama de possibilidades, diante da sua função social.

Nesses termos, com base na análise do projeto de formação educacional do MST, identificamos avanços, tendências, aproximações e distanciamentos de uma visão de Educação crítica, omnilateral e subsidiária de um projeto de emancipação social. Para fazer essa análise, objetivamos: a) identificar e analisar os fundamentos que norteiam a construção dos textos e documentos, tendo como referência o projeto de Educação do MST e a cultura corporal; b) identificar e analisar as proposições em relação à cultura corporal e cotejá-las com o texto mais conhecido de corte marxista na Educação Física: o livro reconhecido como Coletivo de Autores (2012), principal formulador da abordagem crítico-supera-dora. Desse modo, o problema que nos orienta no presente artigo pode ser expresso da seguinte forma: a Cultura Corporal, expressão crítica da Educação Física, está retratada no projeto de formação educacional do MST? E, caso esteja, quais os fundamentos que orientam a Cultura Corporal nessa concepção?

Dessa forma, pretendemos não somente realizar o que se caracteriza como estudo bibliográfico de revisão (GIL, 2008). Trata-se, também, de um estudo bibliográfico de natureza documental, com base na produção elaborada pelo MST em documentos e textos que tratam da Educação, para elucidar questões de aproximações e distanciamentos da concepção de Educação destacada no estudo vinculadas à cultura corporal.

Assim, em síntese, nossa investigação direcionou-se a identificar a fundamentação presente na produção de conhecimento do MST, bem como apontar seus avanços e tendências baseados no referencial teórico formulado por Antonio Gramsci. Além disso, no que diz respeito à análise dos aspectos específicos da Cultura Corporal, lançaremos mão da estruturação daquilo que foi concebido como Cultura Corporal baseado nas contribuições do Coletivo de Autores (2012) para a formulação da abordagem crítico-supera-dora ali exposta, considerando também esforços de conceituação e desenvolvimento teórico da Cultura Corporal ulteriores.

É necessário destacar que a biblioteca virtual do MST havia sido atualizada até o ano de 2014. Contudo, identificou-se que o governo não renovou o contrato para manter o sítio atualizado para a socialização dos materiais produzidos pelo MST, posteriormente deixando a biblioteca fora do ar. Dessa forma, um aspecto que visa dar relevância ao presente artigo é a intenção de dar visibilidade ao movimento, contrário ao processo de apagamento que o MST e suas produções teóricas têm sofrido no atual contexto histórico.

Pelo recorte de estudo que optamos, entretanto, nossa análise direciona-se somente aos documentos sistematizados pelo próprio Movimento entre os anos de 1990 a 2014. Destacamos esse período de mais de 20 anos, enquanto um corte temporal, de modo que pudéssemos abarcar a pluralidade temáticas e discussão sobre o projeto educacional do MST, a partir do qual nos debruçaremos para entender como a Cultura Corporal aparece nos textos e documentos e em que medida ela se articula a uma visão emancipatória de Educação.

A exposição do presente artigo está organizada, assim, em dois momentos fundamentais: (1) apresentação e contextualização dos textos e documentos do MST com base no entendimento de Educação; (2) estudo sistemático da “Cultura Corporal” com base nos elementos apresentados nos textos e documentos, buscando identificar aproximações e distanciamentos da proposta formulada pelo Coletivo de Autores (2012). Nesse momento, nos

atentamos às fundamentações teóricas vinculadas aos documentos sobre como a discussão sobre Educação Física está norteada.

Dessa forma, segue à frente o processo de construção dos textos e documentos, de modo a olharmos para a Educação em sua totalidade, permitindo, posteriormente, estabelecermos um recorte em relação à Cultura Corporal.

Os textos e documentos do MST: apresentação e contextualização geral da concepção de Educação

Existe uma produção teórica da organização do MST que está materializada por meio de textos/documentos. Para o presente estudo, destacamos a temática vinculada à Educação, a qual possui uma seção intitulada “Caderno de Estudo e Cartilha”, no qual destacamos os Boletins da Educação do nº 01 ao 14, e os Cadernos da Educação do nº 01 ao 13, além do documento referente ao “II Encontro Nacional de Educadoras e Educadores da Reforma Agrária (ENERA) - Texto para Estudo e Debate”. Esses textos/documentos são considerados pelo MST como um dos principais estudos e documentos que referenciam o trabalho do Setor de Educação, por eles produzido. Assim, foram vinte e oito os documentos e textos utilizados no processo analítico de construção do artigo, embora somente nove tenham sido citados.

A relação entre teoria e prática perpassa todas as questões do projeto de formação educacional do MST. Destacamos a concepção de currículo apresentada pelo MST no documento 5, “Como fazer a escola que queremos” (MST, 1992). Assim, da relação entre o processo educativo e a prática social resulta a importância de dar sentido prático e/ou aplicabilidade ao que está sendo ensinado, pois “somente assim ele conseguirá avançar no conhecimento da realidade mais distante: do MST como um todo, do estado, do País, do mundo” (MST, 1992, p.52).

Aponta-se que a relação dialética no processo educativo está na relação entre teoria e prática, conforme destacamos do texto

6 “A importância da prática na aprendizagem das crianças” (MST, 1993), no qual é enfatizada a concepção teórica de que em “ambos os jeitos temos a relação PRÁTICA-TEORIA-PRÁTICA. Só que no 1º, a escola é o momento apenas da teoria. A prática acontece antes, depois, mas não durante. No 2º jeito, é toda a relação P-T-P que acontece dentro do processo educativo, dentro da escola” (p.84). Tal relação entre teoria e prática realçada no texto é dialética, que Gramsci denomina como “filosofia da práxis”. Grosso modo, a filosofia da práxis enfatiza a *unidade entre a teoria e a prática* característica do marxismo.

A dialética do processo educativo está ligada ao projeto de Educação do MST que elenca como princípio educativo o trabalho, pois:

Escola do trabalho quer dizer escola do trabalhador, da classe trabalhadora. E esta é uma marca que faz diferença no conjunto das lutas do MST. [...] [Assim], o MST defende em sua proposta de Educação, que todas as escolas de acampamentos e assentamentos sejam escola do trabalho, onde o princípio educativo fundamental esteja no trabalho (MST, 1994, p.89-94).

Partindo dessa compreensão articulada entre *teoria-prática*, a proposta de Educação construída pelo MST é a “Escola do Trabalho” (seguindo a definição do próprio movimento). Em termos gramscianos, uma escola unitária. Esta deve possuir como um dos seus compromissos “inserir os jovens na atividade social, depois de tê-los elevado a certo grau de maturidade e capacidade para a criação intelectual e prática e uma certa autonomia na orientação e na iniciativa” (GRAMSCI, 2001, p. 36). Essa concepção de escola está próxima dos elementos da formação humana apresentados pelo MST no texto 15, “Pedagogia do Movimento Sem Terra: acompanhamento às escolas”, como: a formação para o trabalho, a formação organizativa, a formação econômica, a formação política e ideológica, a formação para o lúdico e o cuidado com a terra e com a vida:

Uma análise do projeto de educação nos documentos do MST...

Caroline Arnaldo Ortiz • Eduardo Reis Pieretti • André Malina • Jennifer Aline Zanela • Leon Ramyssés Vieira Dias • Ângela Celeste Barreto de Azevedo

Uma escola que assume o projeto político e pedagógico do MST é aquela que orienta sua intencionalidade pedagógica para a formação de seres humanos que se constroam como sujeitos sociais e políticos dispostos à tarefa de transformar-se e humanizar-se enquanto transformam e humanizam o mundo em que vivem (MST, 2001, p. 256).

No texto 6, “A importância da prática na aprendizagem das crianças” (MST, 1993), os autores do documento destacam as questões vinculadas à função e necessidade do sujeito social enquanto militante. Desse modo, “Ser militante é ser um *sujeito da práxis*, ou seja, ter clareza de objetivos, consciência organizativa, conhecimento teórico e ter competência prática. E é esse o futuro que pretendemos para nossas crianças” (MST, 1993, p.83, grifos dos autores).

Nessa concepção, acrescenta-se, o trabalho aparece enquanto princípio educativo apresentado no texto 7, “Escola, trabalho e cooperação” (MST, 1994, p.91). O MST ali pondera que a Educação pelo trabalho contribui em “várias dimensões importantes da formação humana”, dentre elas estão: a consciência, a produção e criação de conhecimentos e a geração de necessidades humanas.

A discussão sobre trabalho como princípio educativo atrela-se à questão da omnilateralidade. No texto 10, “Princípios da Educação no MST” (MST, 1996), apresenta-se a compreensão de que o projeto de Educação do MST busca se aproximar de uma formação omnilateral, ao trabalhar uma a uma das suas “práticas, as várias dimensões da pessoa humana e de um modo unitário ou associativo, em que cada dimensão tenha sintonia com a outra, tendo por base a realidade social em que a ação humana vai acontecer” (p. 163). Nesse sentido, encontramos firmes aproximações no texto 13, “*Como Fazemos a Escola de Educação Fundamental*” (MST, 1999) que possui elementos agregadores à discussão sobre a “Pedagogia do trabalho”.

As pessoas se humanizam ou se desumanizam, se educam ou se deseducam, através do trabalho e das relações sociais que estabelecem entre si no processo de produção material de sua existência. (...) e a escola pode torná-lo mais plenamente educativo, à medida que ajude as pessoas a perceber o seu vínculo com as demais dimensões da vida humana: sua cultura, seus valores, suas posições políticas (...) (MST, 1999, p. 203).

Já o texto 18, “O trabalho e a coletividade na Educação” (MST, 1995c), apresenta uma compreensão de coletividade como “um complexo de indivíduos animados de um fim determinado, que estão organizados e possuem organismos coletivos”. Dessa forma, o projeto de Educação do MST é produto de uma construção coletiva, por meio do acúmulo individual e coletivo dos sujeitos sociais que compõem essa organização. Enquanto elemento teórico, destacamos as denominadas “bibliografias de apoio” encontradas principalmente do texto 7, “Escola, trabalho e cooperação” (MST, 1994), texto 8, “Como fazer a escola que queremos: o planejamento” (MST, 1995a), e texto 10, “Princípios da Educação no MST” (MST, 1996). São intelectuais frequentes das bibliografias de apoio: Paulo Freire, Nadezhda Krupskaya, Moisey Pistrak, entre outros.

Como podemos identificar pelo projeto de formação educacional defendido pelo MST, algumas questões aparecem enquanto referência central, como (1) a *práxis*, sendo uma relação entre teoria-prática articulada com a construção do indivíduo concreto; (2) a *Escola do Trabalho*, que toma a questão do trabalho como princípio educativo; e (3) a compreensão do *processo coletivo* de construção da Educação e do conhecimento sistematizado pelo MST. Partindo desses elementos identificados, compreendemos os avanços consideráveis na busca por uma Educação crítica, omnilateral e pautada em princípios emancipatórios. Nossa questão central reside, entretanto, em identificar aproximações ou distanciamentos em relação ao conceito de Cultura Corporal, como contribuição para as sistematizações do MST sobre Educação, o que será visto, na sua especificidade, à frente.

O conceito de Cultura Corporal nos documentos do MST: aproximações e distanciamentos

O presente artigo orienta-se com o objetivo de, além de compreender a concepção educacional do MST, identificar se a Cultura Corporal está presente no projeto de Educação do MST e, também, de que modo essa presença ocorre. Ademais, procura-se caracterizar uma explicação sobre como a Cultura Corporal relaciona-se ao projeto de Educação do MST como um todo. Nesse sentido, ao longo da descrição e análise dos textos/documentos foram destacados elementos relacionados à Cultura Corporal que, em certa medida, aparecem em vários momentos.

Vinculado à concepção crítica de Educação, o termo Cultura Corporal² refere-se a uma visão de Educação Física que busca superar propostas metodológicas tradicionais que têm ênfase na aptidão física e no tecnicismo, disseminadas, especialmente, antes da década de 1980 (MARINHO, 2010).

Com o objetivo de fornecer elementos teóricos que contribuam para o trabalho do professor, o grupo de professores conhecido na Educação Física como “Coletivo de Autores” (2012) buscou compreender a Educação Física levando em conta seu objeto: a Cultura Corporal, de tal modo que a Educação Física fosse uma área que se reconhecesse enquanto uma prática social vinculada às sistematizações histórico-sociais da sociedade.

Sistematizado na fase final dos anos de 1980 e publicada em 1992, o livro Coletivo de Autores pode ser considerado como uma síntese, fruto do que havia de mais crítico nos anos 1980, quando consolidou-se o movimento renovador da Educação Física (COLETIVO DE AUTORES, 2012), culminando na formação da perspectiva sociocultural de Educação Física (MALINA, 2018; 2005). Com a entrada dos anos 1990, foi possível a alguns partícipes dos anos 1980 compreender (e também criticar) alguns autores desse movimento e perspectiva (MARINHO, 2012; FREITAS, 1995; 1991).

²A esse respeito, vale sinalizar que um balanço da questão da Cultura Corporal pode ser encontrado em Souza Junior *et al* (2011). Quanto ao desenvolvimento específico no trabalho pedagógico, Oliveira (2018) e Paraíso (2015) apresentam um avanço na sistematização do ensino da Cultura Corporal em duas de suas manifestações singulares - esporte e ginástica. Na esteira das mesmas indicações observadas por Souza Junior *et al* (2011), Ferreira (2015) avança naqueles que seriam desdobramentos necessários da proposta original do Coletivo de Autores, seguindo, todavia, um caminho trilhado baseado na psicologia histórico-cultural e na pedagogia histórico-crítica.

De todo modo, foi possível reconhecer a importância desses anos para o desenvolvimento da área (MARINHO, 2012) e, em especial, verificar a potência do marxismo ao longo dos anos na disseminação do Coletivo de Autores.

Nessa perspectiva, o texto expressa uma compreensão da sociedade alicerçada na sua divisão em classes sociais distintas, que nega à classe trabalhadora acesso aos bens culturais produzidos pela humanidade. Como compromisso ético-político, a proposta político-pedagógica, então, busca alinhar-se “no sentido de transformar a sociedade de forma que os trabalhadores possam usufruir do resultado de seu trabalho” (COLETIVO DE AUTORES, 2012, p. 26).

Assim, ao pensar a Educação e a Educação Física, é necessário compreender essa dinâmica como consequência da lógica da ordem social, política e econômica. Em especial, na Educação Física, o movimento torna-se a exteriorização de uma concepção de mundo e de um modo de ver a própria sociedade, revelando o que fora acumulado coletivamente através do processo histórico e cultural (COLETIVO DE AUTORES, 2012).

A partir desse entendimento, identificamos nos textos e nos documentos do MST aproximações ao conceito de Cultura Corporal, travando um diálogo com as possibilidades de aproximação ou distanciamento dessa visão de Educação, e, por seu turno, compreendendo como isso é pensado e refletido para o objeto específico da Educação Física. De antemão, identificamos as produções tomadas como referência para as reflexões sobre a Cultura Corporal, as quais apresentamos na tabela a seguir.

Tabela 2 – Referências teóricas para a compreensão da Cultura Corporal no MST

AUTOR	OBRA
FREIRE, João Batista.	Educação de Corpo Inteiro
ROCHE, Marion.	Cantar é bom
MEDEIROS, Ethel Bauzer.	Jogos para recreação na escola primária.
PITHAN, N e Silva.	Recreação 3ª edição
GOUVÊA, Ruth.	Recreação 4ª edição
MIRANDA, Nicanor.	200 jogos infantis
GARCIA, Rose Marie Reis; MARQUES, Lilian Argentina.	(1) Jogos e Passeios Infantis; (2) Brincadeiras Cantadas

Fonte: Elaboração própria.

Conforme a bibliografia que embasa as sínteses apresentadas nos textos/documentos, podemos identificar distanciamentos epistemológicos, e mesmo uma espécie de ecletismo nas bibliografias relacionadas à especificidade da Cultura Corporal. Não foi possível identificar algum autor do campo teórico que vem produzindo, desde a década de 1980, uma perspectiva crítica de corte marxista de Educação Física. Podemos identificar, na literatura, uma crítica às proposições que visam apresentar o *como fazer*, estabelecendo atividades desvinculadas das condições específicas de cada contexto social, como a escolha do conteúdo e a forma de trabalho. Esse aspecto contraria a proposição do eixo teoria-prática defendido pelo MST, já que a coletânea de atividades não se aproxima sequer a uma análise da realidade e tampouco indica preocupações centrais com a condição do indivíduo no mundo e na sociedade de classes. De outro modo, de acordo com o Coletivo de Autores (2012) e contrariamente à perspectiva expressada nos textos que embasam a proposta do MST, a Cultura Corporal

Busca desenvolver uma reflexão pedagógica sobre o acervo de formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história, exteriorizadas pela expressão corporal: jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esporte, malabarismo, contorcionismo, mímica e outros, que podem ser identificados como formas de representação simbólica de realidade vividas pelo homem, historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas. (COLETIVO DE AUTORES, 2012, p. 39).

Damos destaque a esse aspecto, pois as fundamentações teóricas vinculadas às questões relacionadas ao projeto de Educação são de cunho crítico e, em especial, de cunho teórico-metodológico, vinculados à epistemologia marxista. Já a fundamentação relacionada à Cultura Corporal está aproximada, quando muito, de uma difusa orientação epistemológica positivista, construtivista – esta já criticada ainda no início dos anos 1990 (MARINHO, 2012)

– ou utilitarista que, vista segundo o marxismo, está vinculada a uma visão não crítica. Essa primeira constatação relacionada à Cultura Corporal indica um distanciamento entre a maneira como o Movimento a enxerga e o projeto de Educação defendido pelo MST. Buscamos, portanto, nos textos e documentos, incorporar outros elementos para a discussão, para além da referência teórica.

No texto 5, “Como fazer a escola que queremos” (MST, 1992, p. 80), o tópico relacionado a essa questão é intitulado da seguinte maneira: “ÁREA DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO”, e em seguida apresenta-se a seguinte compreensão: “EXPRESSÃO CORPORAL: teatro, dança, exercícios físicos... Música (fabricar instrumentos musicais caseiros). Jogos.”. No texto 8, “Como fazer a escola que queremos: o planejamento” (MST, 1995a, p. 136), novamente aparece a mesma menção à área e ao seguinte trecho: “4) EXPRESSÃO CORPORAL: – Teatro, danças, exercícios físicos...; – Música (fabricar instrumentos musicais caseiros). – Jogos”. No texto 9, “Ensino de 5ª a 8ª série em áreas de assentamento: ensaiando uma proposta” (MST, 1995b, p. 141), são apresentados no tópico 4.2, denominado “Os pilares básicos de nossa filosofia de Educação e suas implicações metodológicas”, o seguinte encaminhamento: “6º) o estímulo à participação e à criação de jogos esportivos, como forma de lazer, de desenvolvimento físico e motor, de cultivo do espírito de iniciativa, de disciplina e de competição sadia. Prioridade aos jogos e esportes que exijam desempenho coletivo e não apenas individual”.

Já no tópico 5 do mesmo texto/documento “algumas sugestões de conteúdos para as disciplinas propostas”, direcionado à cultura corporal, é apresentado sobre como, na Educação Física, recomendam-se os seguintes conteúdos:

O que pretendemos é formar corpos e mentes saudáveis, com preparo físico, resistência e disposição para a luta, o trabalho e o lazer. Neste sentido, a recomendação é o que os momentos de Educação Física sejam dedicados predominantemente para: ginástica (montar uma sequência fixa de exercícios que trabalhem todas as partes do cor-

Uma análise do projeto de educação nos documentos do MST...

Caroline Arnaldo Ortiz • Eduardo Reis Pieretti • André Malina • Jennifer Aline Zanela • Leon Ramyssés Vieira Dias • Ângela Celeste Barreto de Azevedo

po), caminhadas longas e cadenciadas, corridas, saltos em altura e distância, corda, bastão, lançamentos, exercícios de relaxamento corporal e mental. Em relação aos jogos, pode-se aproveitar o espaço da disciplina para ensinar as regras e técnicas dos principais jogos recreativos e esportivos. Quanto à prática dos jogos, o melhor e que fique no espaço de lazer coletivo a ser organizado pelos próprios alunos. (MST, 1995b, p. 149)

Notexto 13, “Como Fazemos a Escola de Educação Fundamental” (MST, 1999, p. 216), são mencionados os tempos educativos e, dentro da organização que eles estabeleceram, encontramos o “Tempo Esporte/Lazer” que possui o seguinte encaminhamento:

É o tempo para a prática de esportes e jogos coletivos que venham a desenvolver valores como a cooperação e a socialização. Também é o tempo destinado ao lazer, a brincadeiras, a prosas, passeios, piqueniques (...). Serve também para o aprendizado de novos jogos e brincadeiras, para o desenvolvimento da coordenação motora, da agilidade, da resistência física (...) Ele visa a integração entre todos os educandos da escola, propiciando um momento de ludicidade e alegria. Este tempo pode ser de um período por semana (em torno de noventa minutos), pelo menos. Também podem ser planejados momentos de lazer, livres, nos finais de semana. Podem ser nas dependências da escola ou em outro local conveniente. Neste tempo pode estar incluída a disciplina de Educação Física, desde que também contenha o seu conteúdo específico.

Já no texto 7, “Escola, trabalho e cooperação” (MST, 1994, p. 98), é feita uma discussão sobre “como fazer a escola do trabalho”, e de modo específico a relação entre trabalho e jogo.

Uma análise do projeto de educação nos documentos do MST...

Caroline Arnaldo Ortiz • Eduardo Reis Pieretti • André Malina • Jennifer Aline Zanela • Leon Ramyssés Vieira Dias • Ângela Celeste Barreto de Azevedo

O trabalho dos alunos não deve tirar o seu tempo para jogos e brincadeiras. Eles também educam e desenvolvem uma série de habilidades e destrezas, quando bem escolhidos. Nossa escola estimula os jogos educativos, mas não pensa que o melhor seja misturá-los com o trabalho, como defendem algumas pedagogias modernas. É importante que os alunos, desde pequenos, possam distinguir quando uma atividade é “brincadeira”, e quando é “séria”. O que não quer dizer que a realização das atividades de trabalho não possa ter a mesma alegria e divertimento de uma grande brincadeira. Em nossa escola, os jogos podem ser utilizados como um complemento pedagógico, embora não devam ser o centro do processo e nem o ponto de partida mais significativo para a aprendizagem dos alunos.

Um primeiro elemento que podemos constatar é que em nenhum dos textos/documentos aparece o termo Cultura Corporal. Essa constatação sinaliza a necessidade da discussão que iniciamos sobre esse aspecto. A não menção do termo indica que a concepção vinculada às práticas corporais, proposta nos documentos do MST, não está em diálogo com uma perspectiva realmente crítica de compreensão de homem e das questões que envolvem o movimento humano, na sua face mais desenvolvida.

Observa-se, entretanto, um descompasso entre o projeto de Educação, bastante aproximado com a perspectiva marxista, e o modo como se compreende a Educação Física. Ambos, quando submetidos à análise gramsciana e à cultura corporal na sua forma escrita mais desenvolvida, se apresentam de maneira contraditória. No início da análise, nos deparamos com um projeto de Educação em uma perspectiva crítica e omnilateral. Já no que diz respeito à especificidade da cultura corporal, que se apresenta no texto de várias maneiras, destaca-se uma concepção de movimento humano vinculada a certo tipo de tecnicismo, à reprodução estritamente operacional do movimento, o que, em alguma medida, reitera a lógica já existente na sociedade de forma geral.

Desse modo, as representações apresentadas no decorrer dos textos/documentos estão mais aproximadas de uma visão por vezes *biologicista* e/ou *tecnicista* de Educação Física, que já havia sido criticada, dentre outros, pelo próprio Coletivo de Autores ainda no início da década de 1990, isso porque, infelizmente, “a perspectiva da Educação Física escolar, que tem como objeto de estudo o desenvolvimento da aptidão física do homem, tem contribuído historicamente para defesa dos interesses da classe no poder, mantendo a estrutura da sociedade capitalista” (2012, p. 37).

Contudo, a concepção que adotamos como referencial para pensar o movimento humano está vinculada à perspectiva da Cultura Corporal e, desse modo, parte de um viés crítico e na perspectiva da omnilateralidade. Ao buscarmos nos apropriar dessa concepção, o movimento humano tende a se situar a uma perspectiva mais aproximada da concepção de Educação proposta no projeto educacional do MST. Compreendemos que a perspectiva da Cultura Corporal alinhada ao projeto de Educação do MST tende a agregar elementos a esse projeto, possibilitando que, por meio do movimento humano, também sejam inseridos elementos de reflexão, teorização e de transformação social. Esse processo não ocorrerá de maneira isolada, mas como parte integrante do conjunto desse projeto de Educação. Assim, defendemos uma Educação Física alinhada a uma perspectiva crítica de Educação. Logo, que agregue elementos na construção de uma “Escola do Trabalho”, escola essa que contribua na formação omnilateral dos sujeitos sociais, possibilitando avançarmos no projeto de uma Educação do campo e popular.

Considerações finais

O projeto de Educação defendido pelo MST caracteriza-se como uma proposta de formação humana alinhada à perspectiva materialista da história, pois toma o Trabalho como princípio educativo e o conjunto de mediações que em torno dele gravitam. Alicerçada nessa ótica, a Educação passa a ser concebida como

um instrumento na construção de uma nova organização social, estando ela, por sua vez, centrada no Trabalho e na prevalência da coletividade. As sínteses apresentadas nos textos/documentos conferem a essa afirmação algum grau de nitidez, pois, para a consolidação da referida concepção de Educação, é necessária a busca pela compreensão dos aspectos fundamentais da realidade concreta e da relação dialética entre a teoria e a prática.

Destacamos também que, considerando as indicações contidas no presente estudo, é possível construirmos um projeto de Educação que contemple as necessidades e especificidades dos sujeitos sociais do campo junto às demandas e questões que constituem a realidade enquanto totalidade concreta. Com o esforço em relacionar os elementos sobre cultura, princípio educativo e escola unitária, dialogando com o conceito de Intelectual, e frente ao projeto de Educação do MST, notamos a necessidade de se destacar os elementos centrais vinculados à compreensão de Cultura Corporal. Assim, estabelece-se a necessidade de uma aproximação entre os elementos apresentados, centrais no projeto de Educação em questão, pautados em uma perspectiva crítica, omnilateral e emancipatória. Ocorre que, ao passo que a identificação de que os elementos vinculados à Cultura Corporal se distanciam teórica e politicamente desse projeto, eles indicam maior proximidade com tendências predominantes na Educação.

Diante do discutido até aqui, além da compreensão da necessidade da organização e de formação dos sujeitos sociais, deve-se considerar também as especificidades da Cultura Corporal, na medida em que esta última é a expressão de uma dimensão decisiva do movimento humano, histórica e socialmente determinada. Assim, ao compreendermos a necessidade de uma formação crítica, omnilateral e emancipatória, enfrentamos também o desafio de formação de intelectuais que se vinculem à compreensão de seu lugar na sociedade, sendo sujeitos que pertencem a um determinado tempo histórico e que se vinculem também ao reconhecimento de que esse tempo possui um valor social e histórico determinado. Por fim, buscamos dar visibilidade a essas questões

almejando contribuir com alguns elementos que possam dar concretude às questões da Educação e da cultura corporal especificamente, que compreendemos como necessárias para a formação desses sujeitos sociais do campo e nas disputas sociais nas quais estão inseridos.

Referências

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2ª ed. São Paulo: Boitempo, 2009.

BAUER, C. **Educação, terra e liberdade**: princípios educacionais do MST em perspectiva histórica. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

BEZERRA NETO, L. A Educação rural no contexto das lutas do MST. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 20, p. 133-147, dez. 2005. Disponível em: https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/4851/art13_20.pdf Acesso em: 10 Out. 2023.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de Educação física**. São Paulo: Cortez, 2012. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/73/o/Texto_49_-_Coletivo_de_Autores_-_Metodologia_de_Ensino_da_Ed._Fsica.pdf Acesso em: 10 Out. 2023.

COSTA, J. CAETANO, E. Compreendendo os movimentos sociais do campo e o MST: projeto educativo. **Revista Brasileira De Educação Do Campo**, v. 1, n.2, p. 524-549, 2016. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/campo/article/view/2762/9311>. Acesso em: 10 Out. 2023.

D'AGOSTINI, A. **A Educação do MST no contexto educacional brasileiro**. 2009. 205f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/30038>. Acesso em: 10 Out. 2023.

DALMAGRO, S. L. **A escola no contexto das lutas do MST.** 2010. 314f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/94587>. Acesso em: 10 Out. 2023.

FERREIRA, A. L. A. **A atividade de ensino da Educação Física: a dialética entre conteúdo e forma.** 2015. 258f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/22489>. Acesso em: 10 Out. 2023.

FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro:** teoria e prática da educação física. São Paulo: Scipione, 1991.

FREITAS, F. **A Miséria da Educação Física.** Campinas: Papyrus, 1991.

FREITAS, F. **O Corpo e o Filósofo:** temas proibidos. Vitória: CEFD/UFES, 1995.

GARCIA, F. **A contradição entre teoria e prática na escola do MST.** 2009. 254f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1884/21825>. Acesso em 7 nov. 2023.

GARCÍA, R. M. R; MARQUES, L. A. **Brincadeiras cantadas.** Porto Alegre : Kuarup, 1988.

GARCÍA, R. M R; MARQUES, L. A. **Jogos e passeios infantis.** Porto Alegre : Kuarup, 1989.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** São Paulo: Atlas, 2008.

GARSKE, L. **Educação escolar no MST**: intencionalidades pedagógicas e políticas. 2006. 319f. Tese (Doutorado em Educação Brasileira) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2006. Disponível em: <https://www.gepec.ufscar.br/publicacoes/tccs-dissertacoes-e-teses/tese/educacao-escolar-no-mst-intencionalidades.pdf>. Acesso em: 11 Out. 2023.

GOUVEIA, R. **Recreação**. 4ªed. Rio de Janeiro: Agir, 1969.

GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere**. Volume 1. Trad. Carlos Nelson Coutinho, co-edição Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. 6ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere**. Volume 2. Trad. Carlos Nelson Coutinho, co-edição Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. 2ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GRAMSCI, A. Cultura. In: **Escritos Políticos**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

GUHUR, D. **Contribuições do diálogo de saberes à Educação profissional em agroecologia no MST**: Desafios da Educação do campo na construção do projeto popular. 2010. 267f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2010.

KOSIK, K. **Dialética do Concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

MACHADO, I. **A organização do trabalho pedagógico em uma escola do MST e a perspectiva de formação omnilateral**. 2003. 328f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas,

Campinas, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/rpFk8xtqQ9vbQHq7YKR6RVt/>. Acesso em: 11 Out. 2023.

MALINA, A. **Limites e possibilidades ou o máximo de consciência possível: A Educação Física nos anos 1980**. 2005. 191f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/8w6VmbYBw8hMM56SNTf57WP/>. Acesso em: 11 Out. 2023

_____. **Gramsci e a questão dos intelectuais**. Campo Grande: Editora UFMS, 2016.

MALINA, A; AZEVEDO, A. História da Perspectiva Sociocultural da Educação Física nos anos 1980 como Fundamento Crítico para a Educação Física Escolar: o tecnicismo na berlinda. In: TELLES, Silvio; TRIANI, Felipe. **Educação Física Escolar: múltiplos olhares**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Autobiografia, 2017, p. 28-50.

MARINHO, V. **Educação Física Humanista**. Rio de Janeiro: Shape, 2010.

MARINHO, V. **Consenso e Conflito: Educação Física Brasileira**. São Paulo: Autores Associados, 2012.

MEDEIROS, E. B. **Jogos para recreação na escola primária**:(subsídio à prática da recreação infantil). Centro brasileiro de pesquisas educacionais, 1959.

MIRANDA, N. **200 jogos infantis**. Editora Itatiaia, 1993.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA – MST. **Como fazer a escola que queremos**. 1992

_____. A importância da prática na aprendizagem das crianças. In: MOVIMENTO SEM TERRA. Dossiê MST Escola: Documentos de Estudo 1990 – 2001. **Caderno de Educação**, n. 13. Edição

especial. São Paulo, 2005a. p. 83-87. (Publicado originalmente em 1993). 1993.

_____. **Escola, trabalho e cooperação.** Boletim da Educação Nº 04, 1994.

_____. **Como fazer a escola que queremos: o planejamento.** Caderno da Educação nº 06, 1995a.

_____. **Ensino de 5ª a 8ª série em áreas de assentamento: ensaiando uma proposta.** Caderno de Educação, Edição Especial, São Paulo, n.13, 2005c. (Publicado, originalmente, em 1995).

_____. **O trabalho e a coletividade na educação.** Boletim da Educação nº 05, 1995c

_____. **Princípios da Educação no MST.** Caderno da Educação nº 08, 1996.

_____. **Como Fazemos a Escola de Educação Fundamental.** Caderno da Educação nº 09, 1999.

_____. **Pedagogia do Movimento Sem Terra: acompanhamento às escolas.** Boletim da Educação nº 08, 2001.

OLIVEIRA, M. M. **O trato com o conhecimento esporte na abordagem crítico-superadora.** 2018. 163f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/25391>. Acesso em: 11 Out. 2023.

ORTIZ, C. A. **O projeto de Formação Educacional do MST e a questão da Cultura Corporal.** 2018. 115f. Dissertação (Mestrado Profissional em Tecnologia para o Desenvolvimento Social) – Programa de Pós-Graduação em Tecnologia para

o Desenvolvimento Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11422/15221>. Acesso em: 11 Out. 2023.

PARAÍSO, C. S. **O trato com o conhecimento da ginástica na escola: contribuições para uma proposta pedagógica pautada na abordagem crítico-superadora da educação física**. 2015. 125f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/23457>. Acesso em: 11 Out. 2023.

PITHAN E SILVA, N. **Recreação**. 3 ed. São Paulo: Cia. Brasil Editora, 1971.

ROCHE, M. T. **Cantar é bom**. Rio de Janeiro, Escola Nacional de Música - UFRJ. s.d. 63p.

SAVELLI, E. de L. A proposta pedagógica do M.S.T. para as escolas dos assentamentos (A construção da escola necessária). **Olhar de Professor**, [S. l.], v. 2, n. 1, 2009. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/1346>. Acesso em: 8 nov. 2023.

SOUZA, M. **Educação e Cooperação nos assentamentos do MST**. Ponta Grossa: UEPG, 2006.

SOUZA JUNIOR, M. *et al.* Coletivo de Autores: a cultura corporal em questão. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 2, p. 391-411, abr./jun. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbce/a/D5pYMHWxd9kkXTKfMjkBg7R/?lang=pt>. Acesso em: 11 Out. 2023.

Publisher

Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Educação Física e Dança. Publicação no Portal de Periódicos UFG. As ideias expres-

Uma análise do projeto de educação nos documentos do MST...

Caroline Arnaldo Ortiz • Eduardo Reis Pieretti • André Malina • Jennifer Aline Zanela • Leon Ramyssés Vieira Dias • Ângela Celeste Barreto de Azevedo

sadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.